

ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS NA PRODUÇÃO DOS RÓTICOS POR FALANTES BILÍNGUES (PORTUGUÊS-POMERANO)

Felipe Bilharva-da-Silva
Giovana Ferreira-Gonçalves

RESUMO: O presente trabalho se propõe a investigar a influência do pomerano – língua de imigração falada na antiga região europeia da Pomerânia – na produção oral dos segmentos róticos. Para tanto, foram investigadas as produções de 68 sujeitos, estudantes do 2º, 3º, 4º e 6º anos: treze bilíngues de Arroio do Padre – grupo BA –, dezoito monolíngues de Arroio do Padre – grupo MA – e trinta e sete monolíngues de Pelotas – grupo MP, controle. Na coleta de dados de fala, as crianças tiveram de criar uma narrativa, tomando por base o livro não-verbal *Não me pega!* (FOREMAN, 2005). Além disso, produziram itens lexicais que continham os segmentos alvo no interior da frase-veículo *Digo ___ duas vezes*. Nesta segunda etapa, as palavras selecionadas foram controladas fonologicamente, distribuindo-se em 21 contextos segmentais, replicando as variáveis utilizadas por Miranda (1996). Os dados de fala foram coletados com um gravador digital modelo Zoom H4N. Todos os dados foram submetidos à análise estatística, por meio do programa *SPSS Statistics*, versão 17.0. Os resultados verificados, apesar de apresentarem índices menos expressivos do que os apontados por autores como Vandresen (2006), revelaram uma influência do pomerano na produção dos róticos, mais acentuada na fala dos sujeitos bilíngues, embora igualmente relevante na fala dos sujeitos monolíngues de Arroio do Padre. Tal influência explica a produção de tepes e vibrantes, no início de sílaba, em itens lexicais que, no falar de Arroio do Padre, seriam produzidos com a fricativa velar.

Palavras-chave: Róticos. Pomerano. Fonologia Gestual

ABSTRACT: This paper aims at investigating the influence of Pomeranian – an immigration language spoken in the ancient European region of Pomerania – on the speech production of rhotics. Students in 2nd, 3rd, 4th and 6th grade were interviewed; thirteen bilingual students from Arroio do Padre – BA group –, eighteen monolingual students from Arroio do Padre – MA group –, and thirty seven students from Pelotas – MP control group – amounting to 68 subjects. For the collection of speech data, the children had to create a story based on the nonverbal book *Can't catch me!* (FOREMAN, 2005). They also had to produce lexical items which contained the target segments within the carrier phrase *I say ____ twice*. In this second stage, the selected words were controlled phonologically, distributed in 21 segmental contexts, replicating the variables used by Miranda (1996). The speech data were collected with a Zoom H4N digital recorder. All data were submitted to statistical analysis using SPSS Statistics 17.0. Despite showing rates that are less significant than those indicated by authors such as Vandresen (2006), the results point out to an influence of Pomeranian over the production of rhotics, more pronounced in the speech of bilingual subjects, though equally relevant in the speech of children from Arroio do Padre. This influence explains the production of alveolar taps and trills in onset – a position commonly occupied by the velar fricative.

Keywords: Rhotics. Pomeranian. Gestural Phonology

Introdução

Sede de um intenso processo imigratório iniciado a partir do século XIX, o Brasil incorpora, na atualidade, um grande número de línguas distintas, associadas a regiões específicas do território nacional. Essas regiões constituem verdadeiras ilhas linguísticas, em que o contato de diferentes variedades é uma realidade com a qual os indivíduos habituaram-se desde o nascimento. Nesse ambiente de contato, a fala dos moradores acaba por ser inteiramente modificada, sendo assim, acumulam-se, especialmente nos últimos anos, trabalhos (VANDRESEN, 1970; PRADE, 2003; GEWHER-BORELLA, 2010; BLANK, 2013) que se propõem a descrever a mútua influência dos diferentes sistemas fonológicos em regiões de colonização.

O presente estudo – um recorte de Bilharva-da-Silva (2015) –, buscando inserir-se nesse rol de estudos, busca desenvolver uma análise da influência do pomerano (língua de imigração baixo-saxã) na produção oral dos segmentos róticos de crianças em etapa de escolarização, no município de Arroio do Padre (RS). Conforme será descrito na seção 1, embora o sistema fonológico do pomerano assemelhe-se, em alguns aspectos, ao do português, as diferenças existentes parecem exercer alterações na produção de determinadas classes de sons, como é o caso dos róticos. Complexidades na distinção entre vibrantes simples e múltiplas em Arroio do Padre – que constituiu sede de colonização pomerana a partir de 1857 –, por exemplo, são descritas por Vandresen (2006), não constituindo, entretanto, uma especificidade do pomerano: Prade (2003) aponta esse fenômeno como característico da fala de grande parte dos teuto-brasileiros.

O *corpus* da pesquisa é constituído pelas produções de 68 sujeitos, estudantes do 2º, 4º, 6º e 8º ano de duas escolas públicas: uma situada em Arroio do Padre e outra em Pelotas (RS). Os falantes arroio padrenses foram divididos em dois grupos, monolíngues – grupo MA – e bilíngues – grupo BA. Os estudantes pelotenses, por não apresentarem, em suas produções, nenhuma influência significativa de uma segunda língua, constituíram o grupo controle – grupo MP. Traçando-se uma comparação entre as produções dos três grupos, torna-se possível observar peculiaridades na fala dos bilíngues que podem ser associadas ao sistema fonológico do pomerano, fornecendo pistas sobre a maneira como as duas línguas se influenciam nas produções do falante.

Os dados foram descritos com base em análises de ouvira e análises acústicas. Estas são capazes de revelar peculiaridades fonéticas na produção dos falantes, as quais são relevantes para os estudos da fonologia, uma vez que, segundo Ohala (1995), determinados padrões fonológicos de uma dada língua emergem de fatores fonéticos.

Além da descrição da produção dos róticos, pretende-se ainda, neste trabalho, por meio de pistas acústicas, discorrer acerca dos gestos articulatórios envolvidos nas produções orais de alguns estudantes bilíngues, os quais apresentaram diferenças em padrões temporais na realização de vibrantes, destoando das produções de seus pares. A questão temporal constitui aspecto relevante no âmbito da Fonologia Gestual (BROWMAN & GOLDSTEIN, 1992), que insere o tempo no interior do primitivo fonológico. Essa teoria será, portanto, aludida para uma proposta de explicação dos referidos dados.

A fim de apresentar a investigação proposta, na primeira seção, serão caracterizados os sistemas fonológicos de duas línguas baixo-saxãs, ramificação linguística da qual o pomerano faz parte: o vestfaliano, conforme trabalho de Vandresen (1970), e o próprio pomerano, descrevendo o trabalho de Schaeffer (2012). Na segunda seção, pressupostos da Fonologia Gestual serão apresentados e brevemente discutidos, dado que, na quarta seção, uma análise de um fenômeno verificado nos dados de um estudante do quarto ano é embasada nos pressupostos dessa teoria. Na terceira seção, os resultados gerais desta pesquisa são descritos e discutidos, traçando-se, para tal, uma comparação entre as produções dos três grupos linguísticos. Por fim, na quinta seção, são apresentadas as conclusões às quais este estudo chegou.

1. Caracterização fonético-fonológica do pomerano e do vestfaliano

Para a avaliação da influência do pomerano no português falado em Arroio do Padre, torna-se fundamental o levantamento de aspectos básicos da língua de imigração, a fim de avaliar quais deles estão relacionados com os fenômenos observados na produção dos sujeitos investigados. Uma falha comumente cometida nos trabalhos que se propõem a investigar a relação português-línguas de imigração, no entanto, é a assunção de que as línguas germânicas faladas no Brasil constituem uma grande unidade, muitas vezes caracterizada como *alemão* ou *dialeto alemão*. De acordo com Vandresen (1970), as diferenças entre as línguas germânicas são acentuadas a ponto de não haver, muitas vezes, inteligibilidade entre os falantes.

Um problema para a realização da descrição do pomerano, entretanto, é o baixo número de trabalhos voltados para aspectos do sistema lingüístico, incluindo o fonológico. Some-se a isso o fato de que, dependendo da região em que é falada, uma mesma língua de imigração assume características deveras distintas, devido ao dialeto do português com o qual o falante está em contato e devido às outras línguas de imigração com as quais convive em uma mesma localidade. A resolução para esses problemas não está facilmente ao alcance, mas é possível lançar mão de algumas estratégias para tentar suavizar essas variáveis influenciadoras.

Na ausência de uma descrição específica do pomerano falado na cidade de Arroio do Padre, a estratégia adotada neste trabalho foi o de integrar uma descrição fonológica do pomerano, realizada por Schaeffer (2012), com outra realizada sobre o vestfaliano, língua igualmente baixo-

saxã falada nos três estados da região sul do Brasil, realizada por Vandresen (1970). Por meio da integração das duas descrições, espera-se destacar os aspectos mais comuns do sistema fonológico dos róticos nas línguas baixo-saxãs.

De acordo com Tressmann (2008), o pomerano é originário da região norte da Alemanha e da Polônia, onde constituía uma região geográfica independente até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando foi anexado aos dois países supracitados. O baixo-saxão, família linguística da qual o pomerano faz parte, era falado nas regiões baixas da Europa Central, e é comumente alcunhado como *baixo-alemão*, definição imprecisa, segundo o autor, dado que o galho linguístico integrado pelo saxão não deriva do Alemão.

A respeito dos aspectos fonológicos, Schaeffer (2012) realizou um dos poucos trabalhos que descrevem o sistema do pomerano falado no Brasil, mais especificamente no município de Santa Leopoldina, situado no estado do Espírito Santo. No Quadro 1, é possível observar a distribuição dos segmentos consonantais da língua.

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b			t d			k g	
Nasal	m			n		ɲ		
Vibrante								
Tap ou Flap				r				
Africadas					tʃ			
Fricativa		f v		s z	ʃ		x	
Lateral Fricativa								
Aproximante						j		
Lateral Aproximante				l				

Quadro 1 - Distribuição dos fonemas consonantais do pomerano
(SCHAEFFER, 2012, p. 55).

Schaeffer (*op. cit.*) revelou, então, 19 fonemas consonantais e 14 vocálicos para o pomerano. É possível verificar que há correspondência entre os segmentos róticos da língua de imigração e do português brasileiro, já que são encontrados, no inventário do pomerano, a líquida não-lateral alveolar /ʃ/ e a fricativa velar /x/. Esses dois sons, conseqüentemente, distinguem significado, como comprova o par [ʃu: ʃ] - mudar penas, folhas - e [ʰu: ʃ] - meretriz.

Se as duas línguas coincidem quanto ao número de fonemas, o mesmo não pode ser dito sobre suas possibilidades de ocupação na sílaba e sobre suas realizações fonéticas, que ocorrem em distribuição complementar. Dessa forma, a fricativa [h] ocorre em onset absoluto; [x], em onset medial e no final de sílabas, em posição pós-vocálica, exceto após [i]; a fricativa palatal [ç], em final de sílaba diante de [i]. Quanto às fricativas vozeadas, elas ocorrem antes ou depois de consoantes vozeadas. [ʃ] ocorre no início e no final de sílaba diante da vogal [i]; [ʁ], por sua vez, é produzida no início de sílaba; [ʁ̥], por fim, ocorre no início e no final de sílabas diante de todas as vogais, exceto [i]. A estrutura silábica do pomerano pode ser visualizada na Figura 1.

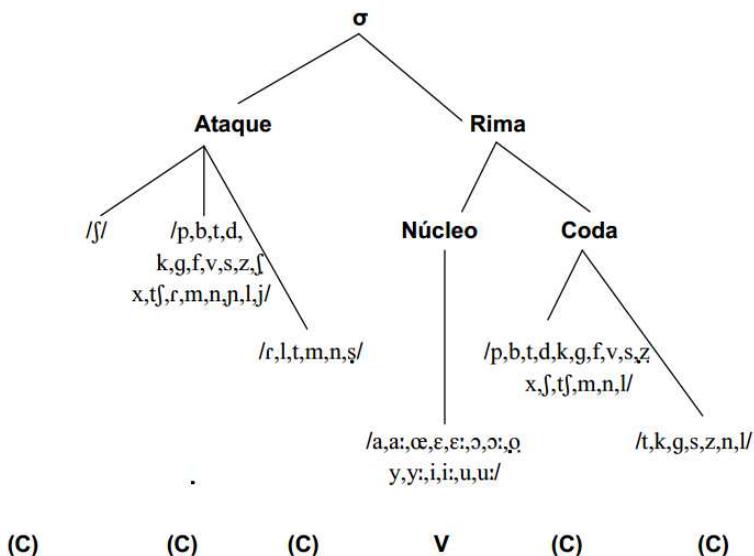


Figura 1 - Estrutura silábica do pomerano (SCHAEFFER, 2012, p. 71)

Observando-se as posições que os segmentos podem ocupar na constituição silábica do pomerano, é possível verificar que, conforme referido, se o número de fonemas róticos é igual no pomerano e no português, as diferenças entre as duas línguas ficam evidenciadas na distribuição dos segmentos no interior da sílaba. O tepe, por exemplo, pode ocupar a posição de *onset* absoluto na língua de imigração, o que não é comum na fala de monolíngues brasileiros. Essa possibilidade pode exercer alguma influência nos dados de bilíngues, os quais, conforme observado em trabalhos anteriores, costumam realizar o alvo fricativo do português como um tepe ou uma vibrante – *carro* como [ˈka.ru]. Além disso, no pomerano, esse segmento não ocupa a posição de coda, diferenciando-se, novamente, do português brasileiro. O rótico que preenche essa posição na língua de imigração é a fricativa velar, ocorrência pouco comum no português brasileiro, sendo notada apenas em algumas variantes regionais, como no dialeto carioca. O ponto em comum entre as duas línguas, quanto ao tepe, diz respeito a sua capacidade de ocupar a segunda posição em *onsets* complexos. A fricativa velar, por sua vez, pode ocupar a posição de *onset* – a qual pode ser preenchida por todos os segmentos – e a primeira posição da coda.

A correspondência fonológica verificada entre o português e o pomerano pode ser estendida ao vestfaliano, língua baixo-saxã descrita por Vandresen (1970), na variedade falada no município de Rio Fortuna, a qual, assim como o pomerano, pertence à ramificação das línguas baixo-saxãs. Nessa língua, são igualmente verificados dois fonemas róticos, um vibrante e um fricativo. Novamente, a fricativa pode ocupar a posição final de sílaba, enquanto a vibrante pode ocupar a posição inicial.

Dessa forma, fazendo-se um mapeamento de duas línguas baixo-saxãs faladas no Brasil – uma delas o próprio pomerano –, é possível estabelecer similaridades e diferenças com o português que podem ser causadoras de influências na fala dos indivíduos bilíngues. Uma influência recorrente, constantemente reportada na literatura (PRADE, 2003; FERREIRA-GONÇALVES, BILHARVA-DASILVA e WEIRICH, 2013), é a produção de tepes em posição inicial de palavra, ocorrência pouco verificada no português brasileiro e nos municípios vizinhos a Arroio do Padre, como a cidade de Pelotas – da qual Arroio do Padre foi colônia até o ano de 1996. Tais produções foram igualmente verificadas na fala dos sujeitos dessa pesquisa, como pode ser observado na terceira

seção deste trabalho, e podem revelar uma influência dos padrões fonético e silábico do pomerano.

2. Fonologia Gestual

Dado que alguns pressupostos da Fonologia Gestual serão empregados para a análise de produções que revelaram padrões temporais destoantes no *corpus* investigado, o modelo será brevemente apresentado nesta seção, enfatizando-se aspectos fundamentais da teoria.

No início da década de 80, Fowler (1980) apontou a necessidade de os estudos fonológicos repensarem a natureza de seus primitivos. Segundo a autora, as teorias de tempo extrínseco, aquelas que excluem da análise linguística a variável tempo, não pareciam capazes de explicar determinados fenômenos, como a coarticulação, de maneira satisfatória. Além disso, a discrepância, imposta pelos modelos tradicionais, entre o nível segmental fonológico e a efetiva realização física da fala exigiam o estabelecimento de teorias de tradução, responsáveis por interligar dois extremos da linguagem humana.

A incapacidade dos modelos de tempo extrínseco em dar conta de diversos fenômenos obrigava, de acordo com Fowler (op.cit), uma mudança paradigmática. A coarticulação, fenômeno intrínseco ao *continuum* da fala, deveria passar a ser vista como uma sobreposição de elementos sucessivos e contínuos dispostos em quatro dimensões, a quarta das quais seria o tempo. Deveria haver, ainda, maior aproximação entre o nível de representação e o nível de implementação, dispensando, assim, as teorias de tradução.

O pensamento de Fowler deu origem a uma série de propostas, nos anos seguintes, que buscaram inserir o tempo à análise fonológica. Dentre elas, destacam-se os estudos realizados por Browman e Goldstein (1986, 1989, 1992), autores que desenvolveram a Fonologia Articulatória – atualmente referida como Fonologia Gestual –, a qual passou a tomar como primitivo de análise o gesto articulatório, unidade ao mesmo tempo física e representacional.

Em Browman e Goldstein (1992), os autores apontam as principais características do novo modelo, buscando definir e contextualizar seus conceitos basilares. Assumindo papel central, os gestos articulatórios são definidos com base em suas propriedades representacionais e implementacionais.

Gestos são caracterizações de eventos discretos e fisicamente reais que se desenvolvem durante o processo de produção da fala. A fonologia articulatória busca descrever as unidades lexicais em termos desses eventos e suas inter-relações, o que significa dizer que esses gestos constituem as unidades básicas de contraste entre itens lexicais, bem como as unidades de ação articulatória (BROWMAN e GOLDSTEIN, 1992, p. 23, tradução nossa).

Na definição apresentada pelos autores, pode-se observar que o gesto é constituído de caráter duplo: não se trata, apenas, de uma unidade concreta físico-articulatória, mas, igualmente, de uma unidade de contraste, integrante do sistema linguístico. Dessa forma, dois itens lexicais poderiam distinguir-se por meio de diferentes organizações gestuais, o que faz com que esse elemento atue como um primitivo do contraste fonológico.

Outra característica fundamental no modelo é a aproximação que estabelece entre a fala e outros sistemas motores humanos. Comprovação disso, de acordo com Kelso *et al* (1986), é evidenciada pela compreensão da fala como uma estrutura coordenada, composta por um conjunto de componentes neuromusculares que cooperam na realização concreta de uma dada tarefa e que é percebida em todas as ações humanas. No ato de beber café, por exemplo, um indivíduo necessita organizar o ato de pegar a xícara, erguê-la até a boca, girar suavemente o pulso enquanto abre e estica os lábios para, após – e apenas após –, contrair a musculatura necessária para sorver o líquido. Da mesma forma, os gestos articulatórios se coordenam em um sincronismo perfeito, a fim de que os diferentes movimentos se organizem no estabelecimento de obstruções e liberações da passagem do ar no interior do trato.

As estruturas coordenadas se caracterizam, ainda, pela realização de compensações imediatas ao detectar empecilhos que as impeçam de concluir a tarefa desejada. Dessa forma, se algum desavisado tentar impedir um viciado em café de levar a xícara à boca, provavelmente o bebedor compulsivo irá imediatamente redirecionar o movimento do braço, desviando-o da obstrução, compensando a velocidade do deslocamento e realizando a tarefa de uma maneira diferente da original. Da mesma forma, Kelso *et al* (1986) descrevem compensações realizadas pelos lábios em experimentos nos quais um falante tinha o movimento da mandíbula obstruído, na produção de plosivas bilabiais.

Apesar das limitações ainda existentes no modelo proposto por Browman e Goldstein (1992), como a teorização a respeito de unidades

maiores do que a sílaba, a Fonologia Gestual apresenta caminhos teóricos promissores no campo dos estudos fonológicos contemporâneos, especialmente por vincular o tempo como uma variável fundamental na articulação e representação dos gestos.

3. Metodologia

Buscando avaliar a produção dos róticos pelos sujeitos investigados, foram desenvolvidos métodos que buscassem integrar diferentes estilos de fala, e que, além disso, propiciassem amostras acústicas complementares. Para tanto, optou-se pela construção de dois instrumentos de coleta distintos: uma narrativa, a fim de propiciar um ambiente de fala mais naturalístico, e uma eliciação de palavras, buscando o estabelecimento de um ambiente de fala mais controlado, que permitisse a avaliação de variáveis linguísticas e que propiciasse dados passíveis de análise acústica. Todas as gravações foram realizadas com o auxílio de um gravador digital *Zoom H4N*.

Assim, a coleta oral foi baseada em duas etapas. Na primeira, as crianças, após observarem o livro *Não me pega* (FOREMAN, 2012), quase totalmente constituído por imagens⁷, realizaram uma narrativa, inserindo, no enredo, seis novos personagens, cujos nomes continham os segmentos róticos em diferentes ambientes silábicos. A inserção dos novos personagens visou a criação de um maior número de contextos com róticos, aumentando sua possibilidade de produção. Os personagens adicionados foram desenhados pelo mesmo autor de *Não me pega* e eram visualmente semelhantes aos presentes no livro, a fim de que a coerência interna da narrativa fosse mantida.

A segunda etapa foi constituída pela eliciação de palavras no interior de uma frase veículo, *Digo _____ duas vezes*. Para tanto, os falantes visualizaram imagens na tela de um computador portátil e produziram os nomes que correspondiam às imagens. As palavras selecionadas foram distribuídas em três contextos linguísticos, conforme Miranda (1996), acerca dos segmentos róticos: posição na palavra, contexto antecedente e contexto seguinte. Respeitando-se esse grupo de contextos, 53 itens lexicais foram selecionados, os quais apresentavam, em sua maioria, duas sílabas, com tonicidade paroxítona, a fim de manter-se uma padronização capaz de restringir as diferenças prosódicas entre as

⁷ As poucas ocorrências de linguagem verbal foram digitalmente apagadas, para que a criança não realizasse sua leitura, influenciando, assim, a fala espontânea.

palavras. Em alguns casos, não houve itens lexicais satisfatórios que atendessem a essas duas condições; nesses, optou-se por selecionar algumas palavras trissílabas ou oxítonas. O conjunto de palavras utilizadas pode ser visualizado no Quadro 2.

Quadro 2 – Itens lexicais utilizados na eliciação de palavras

Posição na palavra	Item	Contexto antecedente	Item	Contexto seguinte	Item
Onset absoluto	rato, roda	Labial	prego, braço	Labial	corpo, barba
Onset medial	carroça, torrada; pirata, careta	Coronal	trave, drogas	Coronal	horta, farda
Onset complexo	prato, preto	Dorsal	creme, grama	Dorsal	parque, largo
Coda medial	forno, carta	[i, u]	circo, curto	[i, u]	coruja, perigo, rico, rua
Coda final	cantor, colar	[e, o]	cerca, torto	[e, o]	coroa, vareta, remo, rolo
Tônica	barato, caroço, rabo, rádio	[ 2]	torta, certo	[ 2]]	farelo, farofa, régua, rosa
Átona	claro, furo, jarra, terra	[a]	barco	[a]	barata, raio

A seleção dos indivíduos que comporiam os diferentes grupos - BA, MA e MP - foi realizada por meio da avaliação de questionários sobre o nível de contato das crianças com o pomerano, entregues aos pais juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As perguntas do questionário indagavam os pais a respeito da idade com a qual os filhos começaram a falar português e pomerano, a frequência de uso do pomerano no cotidiano da família, a capacidade do filho em falar e compreender as duas línguas, entre outros. No que se refere aos estudantes de Pelotas, não foram entregues questionários, embora o entrevistador perguntasse, no momento da coleta, se o estudante possuía conhecimento de outras línguas, além do português. Assim, no grupo MP, os casos de bilinguismo, se constatados, seriam excluídos da análise principal.

Os estudantes selecionados integravam o 2º, 3º, 4º e 6º ano de duas escolas públicas, uma de Arroio do Padre e uma de Pelotas. Os estudantes de Pelotas compuseram o grupo controle. A opção pela análise de estudantes em etapa da aquisição da modalidade escrita da linguagem justifica-se pelo fato de que este trabalho se insere na pesquisa desenvolvida por Bilharva-da-Silva (2015), que buscava avaliar as relações estabelecidas entre fala, escrita e percepção em indivíduos bilíngues. O número de estudantes em cada uma das turmas pode ser observado no Quadro 3.

Série/Grupo	MA	BA	MP
Segunda	4	2	9
Terceira	3	5	10
Quarta	6	3	9
Sexta	5	3	9

Quadro 3 - Distribuição dos sujeitos por grupo e série

Conforme é possível observar no Quadro 6, o número de estudantes em cada grupo e série é irregular. Nos dados de Arroio do Padre, isso ocorre devido a diferenças no número de falantes bilíngues e monolíngues nos níveis escolares. Como a escola que sediou as coletas possui porte médio, o tamanho dessas turmas era reduzido, contendo cerca de doze a quinze alunos, dos quais ainda eram excluídos aqueles que não entregavam o TCLE,.

Após a coleta dos dados, foram realizados levantamentos quantitativos, somando-se o número de produções que atingiram a forma alvo, e qualitativos, por meio da análise das produções realizadas quando a forma alvo não era produzida. Para a análise acústica, foram selecionadas produções que apresentassem peculiaridades detectadas primeiramente com base em ouvira. Essas produções foram analisadas por meio do *software Praat*, versão 5.3.51. As contabilizações gerais foram submetidas à análise estatística, realizada com o recurso do programa *SPSS Statistics*, versão 17.0.

4. Descrição e análise dos dados

Esta seção inicia com as contabilizações gerais das produções dos segmentos róticos nos três grupos investigados. Para tanto, a média de produções do tepe e da fricativa velar são reportadas, juntamente com o desvio padrão no interior de cada conjunto. A apresentação dos valores de cada série tem como finalidade avaliar se a inserção na escola é capaz de alterar padrões de produções dos segmentos investigados.

A análise estatística foi realizada por meio do teste de *Kruskal-Wallis*, não-paramétrico, já que a análise exploratória revelou anormalidade na amostra. O nível de significância utilizado foi 0,05, o que significa afirmar que havia 5% de chance de os resultados encontrados serem devido ao acaso. Os três grupos foram comparados, considerando-se as diferentes séries, os segmentos produzidos e os instrumentos de coleta (narrativa/eliciação de palavras). Em caso de detecção de diferença significativa, foi realizada uma comparação em pares, utilizando-se, para tanto, da correção de *Bonferroni*; com isso, o valor de *p* passava a ser 0,017 (0,05/ 3 grupos).

A Tabela 1 engloba os resultados de fala dos diferentes grupos, enfatizando as diferenças estatisticamente relevantes.

Alvo	2ª série			3ª série		
	Grupo MA	Grupo BA	Grupo MP	Grupo MA	Grupo BA	Grupo MP
[ʒ] - narrativas	85,6/ 12,0	85,1/ 21,1	90,9/ 7,9	90,9/ 1,4	93,3/ 6,2	93,7/ 8,2

[x] - narrativas	95,0/ 10,0	100,0/ 0,0	98,1/ 5,6	100,0/ 0,0	80,0/ 44,7	97,4/ 5,7
[ʒ] - listas	86,3/ 20,9	88,7/ 11,5	95,5/ 4,9	99,1/ 1,6	98,9/ 1,5	96,0/ 6,1
[x] - listas	91,7/ 16,7	89,3/ 5,1	100,0/ 0,0	100,0/ 0,0	81,3/ 41,7	100,0/ 0,0
Alvo	4ª série			6ª série		
	Grupo MA	Grupo BA	Grupo MP	Grupo MA	Grupo BA	Grupo MP
[ʒ] - narrativas	91,0/ 8,5	86,5/ 6,7	97,0/ 3,3	93,1/ 6,4	87,2/ 6,6	92,6/ 5,9
[x] - narrativas	100,0/ 0,0	83,3/ 28,9	99,1/ 2,8	100,0/ 0,0	80,0/ 34,6	100,0/ 0,0
[ʒ] - listas	90,7/ 7,8	91,9/ 2,7	98,2/ 1,9	94,6/ 4,2	94,2/ 5,2	96,4/ 1,9
[x] - listas	98,9/ 2,7	95,6/ 7,7	100,0/ 0,0	100,0/ 0,0	95,2/ 8,3	100,0/ 0,0

Diferenças significativas entre as séries

Tabela 1 - Médias e desvio padrão das produções de fala dos róticos: comparações entre os grupos

Conforme pode ser observado na Tabela 1, o índice de produção do tepe e da fricativa é relativamente alto nos três grupos. Levando-se em consideração os trabalhos de Prade (2003), Vandresen (2006), entre outros, um número mais elevado de variantes era esperado, especialmente na produção de [x], na qual a literatura indica uma alta recorrência de trocas pelo tepe, constituindo, inclusive uma característica da fala de teuto-brasileiros. Assim, formas como [ʒ]ato e cacho[ʒ]o seriam previsíveis em índices mais elevados. Não é o caso, entretanto, de tal variação não ser verificada nos dados. Como será posteriormente observado na Tabela 2, a produção do 'r forte' como 'r fraco' é verificada nos dados, especialmente na fala dos bilíngues. A distribuição dessas ocorrências pelos sujeitos, entretanto, não é homogênea, sendo verificada mais recorrentemente na fala de alguns estudantes específicos.

No caso dos itens lexicais em que o fone esperado era o tepe, um número recorrente de fenômenos foi verificado, mesmo na fala dos monolíngues de Pelotas. Como será apresentado na Tabela 2, as variantes

mais comuns empregadas em substituição ao tepe foram o apagamento, especialmente no caso de grupos consonantais, e a retroflexa, verificada tanto no início quanto no final de sílaba.

A comparação entre os diferentes grupos, na Tabela 1, revelou apenas uma ocorrência de diferença significativa, apesar de os índices de BA serem geralmente inferiores aos dos grupos MA e MP para a fricativa – exceto em um caso dos oito evidenciados, a saber: [x] em narrativas, para o 2º ano. No segundo ano, o grupo MP apresentou um índice de produções de [x], nas listas de palavras, significativamente maior do que o revelado pelo grupo BA ($Z=-3,146$; $p<0,017$). Nos demais casos, nenhum resultado relevante estatisticamente foi detectado. Conforme referido, o baixo número de fenômenos envolvendo a fricativa, contrariando o previsto para uma região de colonização germânica, parece indicar que sua troca pelo tepe não ocorre de maneira generalizada na população investigada, mas em uma parcela restrita.

Ainda que não ocorra de maneira generalizada, é possível verificar um índice de variação envolvendo a produção da fricativa mais acentuada nos dados dos bilíngues do que nos demais grupos. Traçando-se um comparativo entre as diferentes turmas no interior de cada um dos grupos, verifica-se que, enquanto os falantes de Pelotas apresentam pouca variação na produção da fricativa, e os falantes monolíngues de Arroio do Padre apresentam um aumento no índice de produções do mesmo segmento – note-se que, no segundo ano, os sujeitos do grupo MA realizam um número de trocas que não mais se repete nas séries seguintes –, os bilíngues mantêm um índice relevante de trocas ao longo do desenvolvimento escolar, revelando, por exemplo, 80,0% de produção da fricativa nas narrativas.

Dessa forma, apesar de não ocorrer de maneira maciça, é possível notar que a presença da variação entre tepe e fricativa, em contextos nos quais o fone esperado seria o fricativo, exerce influência sobre as crianças do município, dado que ela é verificada em todas as turmas e, em alguns falantes, revelando até mesmo um predomínio no uso do tepe.

É o que ocorre nos dados da estudante S29, do sexto ano, nos quais a coexistência de duas variantes – (i) produção do tepe no contexto da fricativa e (ii) produção da fricativa – fica evidenciada pela variabilidade de usos em diferentes momentos. Apesar da predileção pela fricativa, a existência da outra variante é iminente e parece, por vezes, confundir a estudante, como pode ser observado no excerto em (1), extraído da eliciação de palavras.

(1) Digo ca[x]oça duas vezes... ca[ç]oça duas vezes... Sei lá! (S29, sexto ano, lista de palavras).

Em outros itens lexicais, a estudante não deixou transparecer dúvidas, mesmo revelando variabilidade nas produções: em *rabo*, a produção ocorreu com a fricativa; em *jarra*, com o tepe.

Além do emprego do tepe em substituição à fricativa, outros fenômenos foram verificados de maneira bastante recorrente na fala dos estudantes, em todos os grupos. Buscando avaliar se alguns desses fenômenos apresentaram maior recorrência em algum dos grupos, foi realizada nova rodada de análise estatística, buscando comparar, dessa vez, o índice de aplicação de cada uma das variantes empregadas como alternativa à forma esperada – tepe e fricativa. Para o cálculo desse índice, foi levado em consideração o número total de possibilidades de produções. Assim, os valores apresentados na Tabela 2 correspondem ao índice percentual de ocorrência de cada uma das variantes.

Estratégia	[ç]		
	MA	BA ⁸	MP
Apagamento	3,3/2,4	4,0/5,7	2,5/2,5
Substituição por [x]	1,9/6,7	0,0/0,0	0,5/0,9
Substituição por [ʃ]	2,0/3,3	2,2/2,5	1,0/2,1
Substituição por [r]	0,4/1,3	0,0/0,0	0,03/0,2
Substituição por [l]	0,5/0,2	0,5/1,2	0,03/0,2
Metátese	0,1/0,4	0,2/0,6	0,7/0,3
Outros	0,3/1,1	0,4/0,6	0,2/0,5
	[x]		
Apagamento	0,0/0,0	0,7/2,5	0,4/1,3
Substituição por [r]	1,0/4,4	1,2/2,8	0,0/0,0
Substituição por [ç]	0,7/2,9	3,2/4,7	0,0/0,0
Outros	0,0/0,0	0,0/0,0	0,1/0,8

Diferenças significativas entre os grupos

⁸ Um sujeito do terceiro ano, S22, foi excluído dessa análise pelo índice de trocas da fricativa pelo tepe ser excessivamente descompassado em relação às produções dos demais integrantes de seu grupo. A fim de obter uma amostra mais homogênea, seus dados não foram contabilizados nessa análise específica.

Tabela 2 - Índice (%) de aplicação das diferentes estratégias em substituição à produção do segmento alvo.

A Tabela 2 descreve os índices de utilização das estratégias no interior dos diferentes grupos, somando-se, dessa vez, todas as séries, a fim de avaliar os padrões mais recorrentes em cada grupo. É possível observar que as variantes que apresentam os maiores índices de ocorrência são (i) o apagamento de [ʁ], recorrente nos três grupos; (ii) a substituição do tepe pela retroflexa, fenômeno igualmente recorrente nos três grupos e (iii) a troca da fricativa pelo tepe, no caso dos bilíngues. Essa ocorrência, aliás, revelou diferença significativa entre os grupos BA e MP ($Z=-3,929$; $p=0,000$), por meio do teste de *Mann-Whitney* – procedido após a detecção de diferenças significativas entre os três grupos pelo teste de *Kruskal-Wallis* –, em que os bilíngues apresentaram um índice de trocas da fricativa pelo tepe mais acentuado.

Assim, conforme referido, apesar de o número de trocas da fricativa pelo tepe ser inferior ao esperado nesta pesquisa – tomando como base a literatura da área –, parece inadequado afirmar que esse fenômeno não é relevante na fala dos moradores de Arroio do Padre, e que, além disso, não há uma relação estabelecida com o fato de o indivíduo saber ou não falar pomerano. Levando-se em consideração que o único caso de diferença significativa nessa análise atingiu exatamente a troca de [x] por [ʁ] entre os grupos BA e MP, hipótese a respeito da influência do pomerano parece, ao menos, legítima.

Outro fator relevante no grupo BA foi a ausência de trocas do tepe pela fricativa – fenômeno inverso ao citado no parágrafo anterior – e pela vibrante múltipla, fenômeno presente nos demais grupos. Tal ausência pode ser o resultado da presença constante do tepe na fala dos bilíngues, o que faz com que a produção desses segmentos seja geralmente preferida em detrimento a outras.

Retomando-se a análise da Tabela 1, foi procedida uma comparação entre as turmas no interior dos três grupos, por meio do teste de *Kruskal-Wallis*, que buscou avaliar se os estudantes modificavam significativamente suas produções ao longo do desenvolvimento escolar. Embora os testes estatísticos não tenham evidenciado mudanças significativas, observando o desenho geral do índice de produções do tepe e da fricativa no decorrer da escolaridade, torna-se possível estabelecer algumas distinções entre a fala dos bilíngues e dos monolíngues. O índice

de produções de cada fone, nos diferentes instrumentos de coleta, é apresentado nos Gráficos 1, 2 e 3.

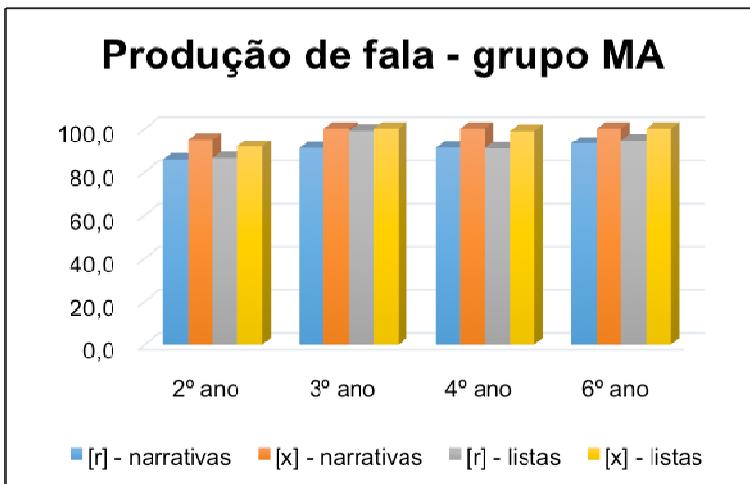


Gráfico 1 - Índices médios de produções do tepe e da fricativa na fala do grupo MA

Observando inicialmente o grupo MA, é possível constatar, conforme referido, uma evolução na média de produções esperadas na maioria das ocorrências. Apenas na produção do [ʁ] em listas, pelos sujeitos do 4º ano, nota-se um pequeno decréscimo em relação à série imediatamente inferior – embora não em relação aos índices obtidos pelos sujeitos do 2º ano. Assim, a tendência geral das produções é a ascensão. O Gráfico 2 revela as produções dos monolíngues de Pelotas.

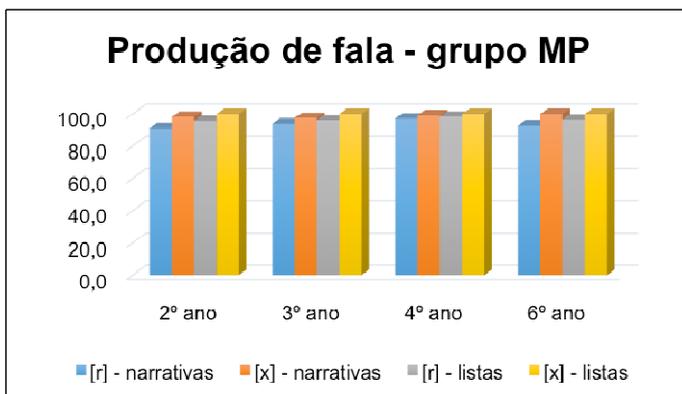


Gráfico 2 - Índices médios de produções do tepe e fricativa na fala do grupo MP

No grupo MP, os índices de produção dos róticos são deveras altos, mantendo-se próximos aos 100% ao longo de todas as séries. Mesmo havendo decréscimos nas produções de [ʁ] do sexto ano, os índices já se encontram bastante elevados, constituindo apenas variações esporádicas. Nos dados dos bilingues, por outro lado, a tendência parece diferente, como o revela o Gráfico 3.

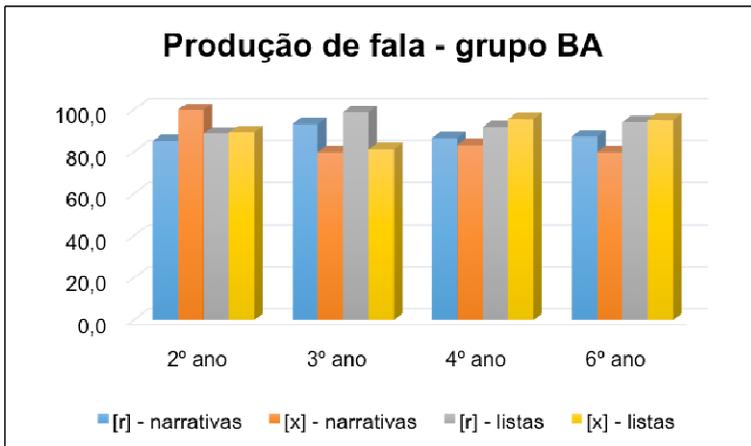


Gráfico 3 - Índices médios de produções do tepe e fricativa na fala do grupo BA

No gráfico 3, pode-se observar que não há um padrão claro de ascensão em nenhuma das produções, o que representaria uma redução no emprego das variantes de [ʁ] e [x]. No sexto ano, além disso, é detectado um baixo índice na produção de [x] em narrativas, quando em comparação com os resultados do 2º e do 4º ano, mostrando que as formas variantes permanecem presentes na fala dos estudantes.

Com isso, parece possível apontar, como uma hipótese para a diferenciação entre bilingues e monolíngues de Arroio do Padre, o fato de que os primeiros mantêm variantes diferenciadas de fala por mais tempo, ao passo que os segundos reduzem tais fenômenos gradualmente, ao longo da escolaridade. Assim, parece coerente supor que os bilingues não apenas estão apresentando características dialetais do município no qual vivem, mas, mais do que isso, os padrões gestuais do sistema fonológico do pomerano podem estar exercendo influência sobre sua fala em português. É importante lembrar, entretanto, que a variação não ocorre

de maneira generalizada na fala dos bilíngues, mas se dá, pelo contrário, nas produções de alguns sujeitos específicos.

Interessante observar que as diferenças significativas em relação à produção da fricativa ocorrem apenas com os alunos do segundo ano, não sendo verificadas nas séries posteriores. Sabendo-se do contato cada vez maior dos Arroio padrenses com pelotenses e outros moradores de municípios vizinhos, e levando-se em consideração que a fala dos descendentes germânicos ainda é estigmatizada, torna-se possível supor que uma redução na utilização da líquida no lugar da fricativa pode ter como motivação fatores sociais. Pesquisas que se debruçam sobre esses aspectos, nos anos vindouros, podem extrair informações relevantes da comunidade de fala na qual os sujeitos dessa pesquisa estão inseridos.

A presença do tepe em posição de início de sílaba encontra respaldo na descrição fonológica do vestfaliano realizada por Vandresen (1970) e do pomerano, realizada por Schaeffer (2013), estudos segundo os quais a vibrante pode ocupar a primeira posição de CV em início de palavra, o que não ocorre na maioria dos dialetos do português brasileiro. Dessa forma, a relação existente entre os diferentes segmentos róticos, bem como a influência fonológica do pomerano, poderiam constituir influências para a produção da líquida nos contextos da fricativa.

No que diz respeito à produção do tepe, não foi verificada nenhuma peculiaridade generalizada que fosse específica à comunidade de Arroio do Padre, conforme a Tabela 1 revelou. Tendo em vista, no entanto, a diferença entre o número de sujeitos que constitui o Grupo MA (13) e o número de sujeitos que constitui o Grupo MP (37), algumas considerações podem ser tecidas.

Considerando essa discrepância acentuada no número de sujeitos dos grupos MA e MP, a substituição de [ʝ] por [x] pode ser considerada elevada, já que os dois grupos realizaram um número de substituições do tepe pela fricativa deveras similar – 20 e 16, respectivamente. A troca do tepe pela retroflexa, por sua vez, para a qual foram registradas 27 ocorrências no grupo MA e 33 no grupo MP, igualmente pode ser considerada elevada. Os maiores índices de aplicação de substituições do tepe, pelos sujeitos do Grupo MA, podem, portanto, indiciar uma peculiaridade na fala dos monolíngues de Arroio do Padre, os quais, inseridos em uma comunidade de forte influência pomerana, acabam por evidenciar instabilidade na produção do tepe do português brasileiro que justamente substitui a fricativa na fala dos bilíngues.

Além disso, a presença de trocas do tepe pela fricativa, tanto no grupo monolíngue de Arroio do Padre quando no de Pelotas, parece ser

um indicador do estreito relacionamento entre os segmentos inseridos na classe dos róticos. O mesmo pode ser dito em relação à recorrente troca pela retroflexa, constatada nas produções dos três grupos.

Dessa forma, apesar do baixo número de ocorrências envolvendo as produções do tepe e da fricativa, é possível averiguar determinados comportamentos peculiares à fala dos moradores de Arroio do Padre, especialmente dos bilíngues. Em primeiro lugar, esses falantes não apresentam mudanças – pensando-se em termos numéricos, apenas – em relação à produção da variante predominante – a forma alvo [x] – ao longo das séries, ao contrário dos monolíngues, que reduzem o número de produções do tepe para esse contexto. Além disso, as estratégias empregadas pelos bilíngues são significativamente distintas daquelas apresentadas pelos monolíngues de Pelotas, já que os integrantes do grupo BA realizam – ainda que em índices menores do que o esperado – um número de trocas do tepe pela fricativa significativamente mais alto do que os pelotenses. Dessa forma, corrobora-se a descrição de Vandresen (2006), que, ao discutir o comportamento linguísticos dos falantes de Arroio do Padre, apontou a variação entre as vibrantes como uma de suas principais características.

Conforme mencionado ao longo desta seção, foi detectada grande variabilidade na fala dos bilíngues, fazendo com que, enquanto alguns revelassem padrões bastante estabilizados, similares aos dos monolíngues, outros apresentassem diferentes variantes, acompanhadas de fenômenos peculiares. Um dos fenômenos relevantes verificado na fala desses estudantes envolveu uma ampla extensão temporal na produção de algumas vibrantes, não verificadas na fala de nenhum dos falantes monolíngues. Na seção seguinte, pretende-se ilustrar esse fenômeno, correlacionando-o com pressupostos estabelecidos pela Fonologia Gestual.

5. Vibrantes múltiplas na fala de alguns estudantes bilíngues: uma questão temporal

Os dados apresentados nesta seção foram realizados por S27, estudante do quarto ano e integrante do grupo BA. As produções de S27 destacaram-se pela excessiva extensão temporal de algumas vibrantes múltiplas, que destoavam das demais produções de seus colegas. A articulação do segmento, que é caracterizado pelas batidas múltiplas do articulador ativo – lâmina da língua – e pela maior duração do gesto de

ponta, estendia-se especialmente em posição pós-vocálica no interior da sílaba.

Tal posicionamento silábico, no âmbito da Fonologia Gestual, geralmente é conceituado como menos estável, quando em comparação com sequências CV. Browman e Goldstein (1987), por exemplo, lançando mão do conceito de Centro-C - ponto médio entre o limite esquerdo e direito de um gesto ou de um conjunto de gestos consonantais -, atestam em favor de uma organização gestual global em sequências C(C)(C)V, na qual o Centro-C é coordenado com o gesto vocálico. Em sequências VC, por outro lado, haveria uma organização gestual local, em que a borda esquerda do gesto consonantal, e não mais seu centro, se coordena com o gesto vocálico.

Da mesma forma, Raposo de Medeiros (2012) explica que o padrão gestual mais estável existiria em sequências CV, em que os gestos consonantais e vocálicos estariam coordenados em fase; já o menos estável remeteria a padrões VC(C), no qual o gesto vocálico estaria fora de fase com a consoante mais distante.

Essa menor estabilidade em sequências VC parece constituir um aspecto relevante nas produções da vibrante pelo sujeito S27 - C.K -, que aparentemente produz gestos consonantais melhor coordenados temporalmente com o gesto vocálico em sequências CV; em sequências VC, esses são mais extensos, duradouros e aparentemente menos sincronizados com o gesto vocálico.

Para avaliar a natureza do rótico de algumas produções de C.K., utilizou-se do conceito de duração relativa, a fim de levar em consideração a extensão da palavra e a extensão do segmento, possibilitando avaliar a porcentagem do item lexical que o segmento ocupa. A duração relativa é capaz de considerar a velocidade de fala, por exemplo, constituindo um parâmetro mais eficaz, em muitos casos, do que a simples medida da extensão do segmento.

Foram destacados três itens lexicais produzidos por C.K - *horta*, *carta* e *voador* - nos quais, com base em uma análise de outiva, foram constatadas as produções de róticos, em sequência (C)V, com maior duração. Esses itens são trazidos como representativos de outras ocorrências igualmente verificadas. Para a análise dos itens lexicais *horta* e *carta*, tomou-se como parâmetro de comparação as produções de cinco estudantes pelotenses do quarto ano, selecionados aleatoriamente. Para a análise do item lexical *voador*, foram observadas as produções de dois

estudantes pelotenses do terceiro ano, por serem os únicos do grupo MP a, assim como C.K, produzir esse item.

A Tabela 3 contabiliza a duração relativa das produções dos estudantes investigados.

Sujeito	Item lexical					
	<i>horta</i>		<i>carta</i>		<i>voador</i>	
	Segmento /palavra	Duração relativa	Segmento /palavra	Duração relativa	Segmento /palavra	Duração relativa
S51	93/300 (ms)	31,0%	115/443 (ms)	26,0%		
S52	137/447 (ms)	30,7%	135/451 (ms)	29,9%		
S53	92/460 (ms)	20,0%	128/444 (ms)	28,6%		
S54	82/318 (ms)	25,8%	122/306 (ms)	39,9%		
S55	187/433 (ms)	43,2%	100/330 (ms)	30,3%		
S41					91/609 (ms)	14,9%
S44					150/859 (ms)	17,5%
Média		30,4%		30,9%		16,2%
S27 - C.K	232/469 (ms)	49,5%	216/599 (ms)	36,1%	452/1035 (ms)	43,7%

Tabela 3 - Tempos de articulação e duração relativa nas produções de horta, carta e voador por S27 e pelo grupo controle

Nos itens lexicais *horta* e *carta*, as produções de C.K. apresentaram duração relativa de 49,3% e 36,1%, respectivamente, enquanto o grupo controle apresentou 32,0% e 30,9%. No item *voador*, a duração relativa da produção de C.K. foi de 43,7%, ou seja, a vibrante, sozinha, ocupou quase metade da palavra. O grupo controle de Pelotas apresentou duração

de 16,2%, valor deveras destoante. Os valores apresentados por C.K., nos itens lexicais analisados, portanto, revelam durações bem mais extensas, ao menos nos itens *voador* e *horta*, do que aqueles verificados nas produções do grupo controle. Exemplos das produções dos estudantes podem ser observados nas Figuras 1 e 2. Na Figura 1, é possível notar mais de uma linha escura vertical, ainda que enfraquecidas, logo no início da produção da vibrante; na Figura 2, há apenas uma linha vertical, bastante clara, indicando o contato do tepe com os alvéolos.

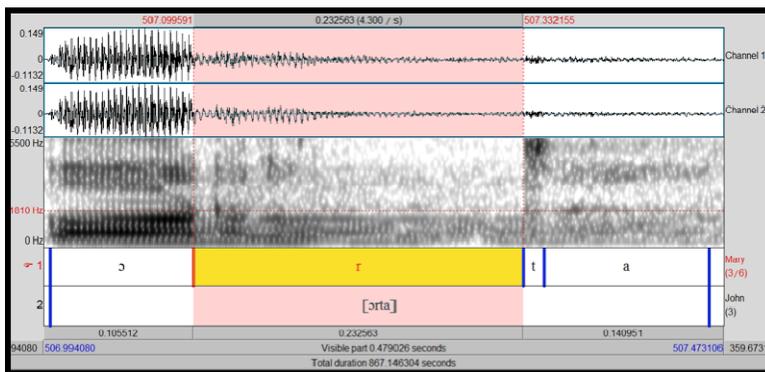


Figura 1 – Produção da palavra *horta*, pelo estudante S27, do quarto ano, bilíngue de Arroio do Padre. Em destaque, a duração total da vibrante.

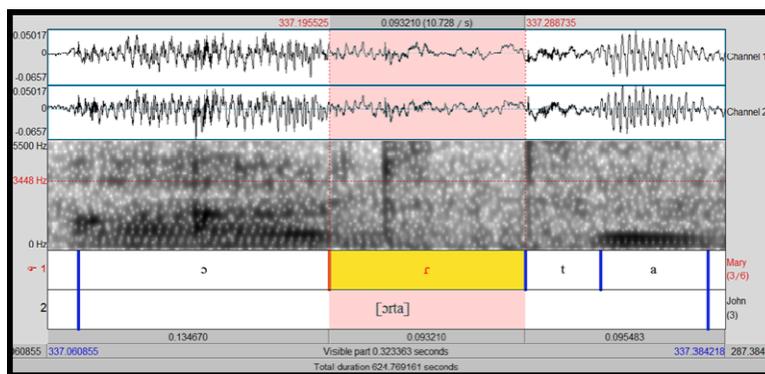


Figura 2 - produção da palavra *horta*, pela estudante S51, do quarto ano, monolíngue de Pelotas. Em destaque, a duração total do tepe.

Levando em consideração os preceitos estabelecidos pela Fonologia Gestual, torna-se possível considerar que a duração dos segmentos constitui uma medição relevante nos estudos fonológicos, já que o tempo passa a ser considerado, nesse paradigma, como uma unidade intrínseca ao primitivo fonológico. Os segmentos, portanto, podem apresentar padrões temporais de articulação distintos, nas diferentes línguas.

Dessa forma, se produções como as de S27 são características de um grupo representativo de bilíngues falantes do pomerano e do português brasileiro, é possível questionar se essas duas línguas não têm valores temporais distintos para a produção das vibrantes alveolares, estando os padrões do pomerano – de acordo com os dados de S27, mais extensos – influenciando a fala em português brasileiro. O tempo constituiria, assim, uma unidade de diferenciação entre as duas línguas. Naturalmente, a discussão aqui estabelecida necessita de uma maior quantidade de análises de dados para ser aprofundada.

6. Conclusões

O presente trabalho buscou descrever e analisar a produção oral dos róticos em falantes bilíngues e monolíngues, moradores dos municípios de Arroio do Padre e Pelotas, buscando analisar se a língua de imigração pomerano influencia o português brasileiro na referida classe de sons. Diferentemente do que apontavam as hipóteses iniciais – embasadas na literatura que buscou descrever a fala de teuto-brasileiros –, foi possível verificar que a troca da fricativa velar pelo tepe alveolar não constitui um fenômeno generalizado na fala dos estudantes de Arroio do Padre. Há, pelo contrário, variação na produção dos sujeitos: enquanto alguns poucos cometem um número de trocas mais recorrente, outros, mesmo que bilíngues, praticamente não realizam nenhuma alteração. Comparando-se com os falantes pelotenses integrantes do grupo controle, pode-se concluir que esse fenômeno é restrito aos moradores de Arroio do Padre, já que, na fala dos pelotenses, não se constata tal variação.

A fala dos bilíngues parece, por vezes, vislumbrar uma possível organização temporal, intrínseca aos segmentos, distinta daquela utilizada no português brasileiro. Dados como os produzidos pelo falante C.K., do quarto ano, parecem revelar produções da vibrante mais extensas temporalmente do que seria esperado para a realização de um tepe no português brasileiro. Tais produções podem, portanto, ser motivadas pela

organização gestual do pomerano. Como, para a Fonologia Gestual, a variável tempo deve ser considerada como uma unidade inerente ao gesto articulatório, poder-se-ia pensar em padrões temporais fonológicos distintos, nas diferentes línguas. Naturalmente, os dados apresentados nesta pesquisa, que carecem, ainda, de uma maior recorrência de análises acústicas e sem comparativos com padrões do pomerano, não permitem nenhuma conclusão a respeito dessa hipótese.

A comparação dos dados de fala dos três grupos revelou um aumento, no que diz respeito ao número de produções da variante predominante – forma alvo [x] –, por parte dos falantes monolíngues de Arroio do Padre, ao longo do desenvolvimento escolar. Os fenômenos envolvendo a produção dos róticos, assim, foram reduzindo conforme a série analisada, atingindo índices de produção do segmento alvo deveras elevados no sexto ano, comparáveis aos apresentados pelo grupo controle. Os estudantes bilíngues, por sua vez, pareceram manter, por mais tempo, o índice de produções da variante [ʃ], apresentando padrões de mudança inconstantes e irregulares. Assim, se estabelece a hipótese de que a diferença entre monolíngues e bilíngues reside não no número global de trocas, mas no tempo de sua manutenção ao longo da escolarização.

Por fim, o fenômeno da produção do tepe em contextos nos quais, no português brasileiro, geralmente é realizada a fricativa, como em [ʃ]ato e [ʃ]elógio, parece convergir com o sistema fonológico de algumas línguas baixo-saxãs, como o vestfaliano e o próprio pomerano, dado que, nessas línguas, o tepe costuma ocupar a posição inicial de palavra. A descrição dos sistemas fonológicos das línguas de imigração faladas no Brasil, dessa feita, é fundamental para o amparo aos estudos linguísticos que buscam avaliar a influências dessas línguas no português brasileiro. A insistência do tratamento das inúmeras línguas germânicas faladas no Brasil como uma unidade homogênea, um grande *alemão*, constitui, especialmente na atualidade, um “grave erro” (VANDRESEN, 1970, p.1).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BILHARVA-DA-SILVA, F. **Produção oral e escrita dos róticos em Arroio do Padre (RS): avaliando a relação português-pomerano com base na Fonologia Gestual.** 246 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, 2015.

BLANK, M. T. **Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)**. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

BROWMAN, C. P.; GOLDSTEIN, L. Some Notes on Syllable Structure in Articulatory Phonology. *Phonetica*, 45, p. 140-155, 1987.

_____. Articulatory Phonology: an overview. In: *Phonetica*, 49, p. 155-180, 1992.

FERREIRA-GONÇALVES, G. BILHARVA-DA-SILVA, F.; WEIRICH, H. C. Produção dos róticos durante a aquisição da linguagem escrita: a língua de imigração hunsrückisch. In: *Revista Prolíngua*, v. 8, n. 2, p. 67-82, 2013.

FOREMAN, M. **Não me pega**. Blumenau: Todolivro Editora, 2012.

FOWLER, C. A. Coarticulation and theories of extrinsic timing. In: *Journal of Phonetics*, 8, p. 113-133, 1980.

GEWEHR-BORELLA, S. **A influência da fala bilíngue hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, Pelotas.

KELSO, J.A.S; SALTZMAN, E.L.; TULLER, B. The dynamical perspective on speech production: data and theory. In: *Journal of Phonetics*, 14, pp: 219-250, 1986.

MIRANDA, A. R. M. **A aquisição do ‘r’: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico**. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 1996.

OHALA, J. J. The phonetics of phonology. G. Bloothoof, V. Hazan, D. Huber, & J. Llisterri (eds.), **European studies in phonetics and speech communication**. Utrecht: OTS Publications, pp. 85-89, 1995.

PRADE, H. G. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, J. L.; GÄRTNER, A. (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação**. Santa Maria: UFSM, 2003.

RAPOSO de MEDEIROS, B. Uma proposta sobre a coda do português brasileiro a partir da fonologia gestual, com foco especial na nasal. **Revista da ABRALIN**, v. XI, p. 89-137, 2012.

SCHAEFFER, S. C. B. **Descrição fonética e fonológica do pomerano falado no Espírito Santo**. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória.

TRESSMANN, I. O pomerano: uma língua baixo-saxônica. In: Educação, cultura e sociedade. **Revista da Farese** (Faculdade da Região Serrana). Vol. 1. ISSN: 21765251, Santa Maria de Jetibá, ES, 2008, p. 10-21.

VANDRESEN, P. **Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna**. Porto Alegre. Tese de Livre Docência em Letras: PUCRS, 1970.

_____, P. Contato linguístico e bilinguismo em Arroio do Padre. **Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL**, 7, 2006, Pelotas, RS. MATZENAUER, Carmen L. B. et al (Orgs.). **Anais...** Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 1-6. Disponível em <<http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/1.pdf>>. Acesso em 14 fev. 2014.

Recebido em 31 de maio de 2015.

Aceito em 04 de julho de 2015.